

As “boas palavras” dos Xondaro Marãgatu como alternativa para a redução do consumo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani – RS

Luciane Ouriques Ferreira

Resumo: O presente trabalho visa a refletir sobre o percurso terapêutico dos Xondaro Marãgatu (guardiões do espírito) Mbyá-Guarani - RS. Os Xondaro Marãgatu constituem-se em um grupo de seis Mbyá que foram escolhidos na II Reunião dos Karáí, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e alcoolismo (2001). Sua função é levar até as comunidades Mbyá a mensagem transmitida pelos karáí (lideranças espirituais) para aconselhá-las através das “boas palavras”, à redução do consumo de álcool. O tema do uso de bebidas alcoólicas é o eixo do discurso cosmológico dos Xondaro para abordarem assuntos relacionados à importância do nhandé rekó (modo de ser) na manutenção de sua saúde. Para os Mbyá, as “boas palavras” empregadas pelos Xondaro são inspiradas pelos deuses e por esse motivo elas, ao emocionarem as pessoas, possuem o poder terapêutico de reduzir o consumo das bebidas alcoólicas nas aldeias.

Palavras-chave: uso abusivo de bebidas alcoólicas; Xondaro Marãgatu; Mbyá-Guarani.

Abstract: The study in hand aims at reflecting on the therapeutic route of the Mbyá-Guarani Xondaro Marãgatu (the spirit guardians) in RS. The Xondaro Marãgatu is one of the group of six Mbyá that were chosen in the “II Meeting of the Mbyá-Guarani leaders, chiefs and karáí on the abusive use of alcoholic beverages and alcoholism” (2001). Their task is to take into the Mbyá communities the message transmitted by the karáí (spiritual leadership), to advise them through the “good words”, to reduce alcohol consumption. The theme of the use of alcoholic beverages is at the center the Xondaro’s cosmologic discourse when approaching matters related to the importance of the “nhandé rekó” (way of being) for the maintenance of Mbya health. For the Mbyá, the “good words” employed by the Xondaro are inspired by the gods and for this reason – as the words touch people – they possess the therapeutic power to reduce the consumption of alcoholic beverages in the villages.

Key-words: abusive use of alcoholic beverages; Xondaro Marãgatu; Mbyá-Guarani.

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Pesquisadora associada ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/UFRGS) e ao Centro de Intervenção e Pesquisa em Saúde Indígena (CIPSI).

Este artigo tem como proposta fazer um relato etnográfico sobre o Percurso Terapêutico realizado pelos Xondaro Marãgatu às comunidades Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul onde o consumo de bebidas alcoólicas é abusivo¹. Os Xondaro são os “guardiões do espírito”, os “mensageiros dos karai²” e sua tarefa é aconselhar, por meio de “boas palavras³”, as comunidades Mbyá a reduzirem o consumo de álcool.

A emergência dos Xondaro Marãgatu, enquanto agentes de intervenção na problemática do uso abusivo de bebidas alcoólicas, foi resultante de um conjunto de atividades desenvolvidas, desde junho de 2000, em parceria com lideranças Mbyá, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), o Centro de Intervenção e Pesquisa em Saúde Indígena (CIPSI), sendo financiado pelo Programa VIGI-SUS - Ministério da Saúde e acompanhadas pelo Ministério Público Federal/Procuradoria da República.

Durante a realização do Diagnóstico Antropológico Participativo sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo entre os Povos Indígenas no RS: subprojeto Mbyá-Guarani (2000-2001)⁴, os *karai* entrevistados apontaram a necessidade de realização de uma reunião entre eles para conversarem sobre os problemas relacionados ao consumo de álcool e buscarem um caminho adequado para abordá-los.

Com isso, no final de 2000 foi realizada então a I Reunião Geral dos Karai, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo – RS, na Terra Indígena (TI) de Salto Grande do Jacuí⁵, em Salto do Jacuí. Os encaminhamentos ali dados foram: (1º) a continuidade destas reuniões em função da complexidade do problema; (2º) a necessidade de que todas as comunidades Mbyá do RS tenham *Opy* (casa de reza); (3º) que a única forma para abordar a questão do uso de bebidas alcoólicas junto aos “bebedores” é por meio das “boas palavras”.

Um ano após a I Reunião, em novembro de 2001, foi realizada a II Reunião dos Karai, na TI de Barra do Ouro, Maquiné. Neste momento foram escolhidos seis Mbyá para percorrerem as comunidades onde o uso de bebidas alcoólicas constitui-se um problema, para levarem os conselhos e as mensagens dos *karai* e das *cunhã-karai*. Este grupo foi chamado pelos Mbyá de Xondaro Marãgatu.

Porém, antes de passarmos a descrever o percurso feito pelos Xondaro, convém trazermos alguns elementos que permitam a compreensão da especificidade sócio-cultural do fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani; bem como da ação de

aconselhamento por meio das “boas palavras” enquanto um recurso terapêutico disponibilizado pelo sistema médico tradicional Mbyá, para a intervenção na problemática do uso abusivo de bebidas alcoólicas.

O problema: a dimensão cosmológica do uso de bebidas alcoólicas entre os Mbyá

Atualmente existe uma grande diversidade de situações relacionadas ao uso de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani no RS. Esta diversidade é influenciada pelas condições de vida particulares em que cada aldeia encontra-se. Por um lado, é resultado do intenso processo histórico de contato interétnico; por outro, diz respeito à forma como estas comunidades criaram no decorrer do tempo, mecanismos de atualização da sua cultura⁶.

Embora o fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas tenha sua origem com o processo de contato interétnico, enquanto doença, o ato de beber articula e envolve diferentes dimensões da vida Mbyá, tendo um impacto sobre a pessoa⁷ e sobre a organização social tradicional deste grupo étnico. Nesse sentido, este fenômeno passa a ser interpretado a partir de uma perspectiva cosmológica.

Segundo os Mbyá, os lugares mais expostos aos problemas causados pelo uso de bebidas alcoólicas são aqueles que não têm *Opy*. Esses lugares encontram-se sem a proteção divina e a mercê de muitos perigos: doenças, mortes, brigas e outras calamidades.

A *Opy*, o espaço sagrado onde são realizados os rituais religiosos, propicia a ligação da pessoa com o *nhe'ë*⁸ e com *Nhanderu* (Nosso Pai - deuses), ligação que é a fonte da boa saúde para os Mbyá, pois protege a pessoa dos perigos das doenças e também de tornar-se *cau* (bebedor). Nesse sentido, a *Opy* desempenha um papel preventivo relacionado ao consumo de álcool, pois é ali que as crianças aprendem os cantos e as danças tradicionais e escutam os conselhos do *karaí* que as orientam a não fazerem uso de bebidas alcoólicas.

Nas comunidades que não têm *Opy* os “bailes de branco” animados por músicas sertanejas e os jogos de futebol tornaram-se práticas correntes. Também é aqui que encontramos uma maior incidência de casos de violência doméstica desencadeados pelo consumo de álcool, pois geralmente quando embriagados, os casais brigam e se separam em função do ciúme. Segundo o Mbyá José Cirilo Morinico, quando as pessoas bebem e dançam ao som da música sertaneja, o pensamento é direciona-

do para o sexo, enquanto que com os cantos e a dança realizados na *Opy*, o pensamento da pessoa mantém-se ligado a Deus e ao *nhe'ë*.

Outro fator apontado pelos Mbyá que contribui para o uso abusivo de bebidas alcoólicas em algumas comunidades é a inexistência do *karai* ou a falta de autoridade e legitimidade de algumas lideranças para orientar o seu grupo com bons conselhos. Isso ocorre em aldeias onde as lideranças bebem e/ou não se encontram ligadas a *Nhanderu*.

Nesse sentido, o uso de bebidas alcoólicas encerra uma dimensão espiritual: a pessoa que bebe demais e perde o “sentido”, ultrapassa limites e faz coisas que não deve. Assim, age contra o *nhe'ë* que, ao não possuir alternativa, afasta-se dela deixando-a sem proteção. Ao estar sem proteção ela fica vulnerável aos perigos que a ameaçam, inclusive ao de morrer atropelada por um carro ao atravessar à estrada. Ou seja, a pessoa não morre porque está bêbada, mas sim porque está sem a proteção de seu *nhe'ë* e, conseqüentemente, sem a proteção de Deus.

Se o *nhe'ë* afasta-se da pessoa, os *mbogüa*⁹ e os *anhã*¹⁰, ambos agentes patológicos, aproximam-se e passam a exercer uma influência nociva que leva o *cau* (bêbado) a brigar com os seus parentes e a ser vítima de acidentes.

Outro problema que o uso de bebidas alcoólicas pode trazer à pessoa que bebe, é fazer com que ela, ao não seguir os ensinamentos de *Nhanderu*, passe a ter uma vida sexual desregrada. Por um lado, é o perigo da pessoa quebrar as regras que proíbem a relação sexual entre membros do próprio grupo; por outro, é levar a pessoa a ultrapassar as fronteiras e os limites étnicos e cosmológicos existentes entre o mundo Mbyá e o “mundo dos brancos”, ou seja, é propiciar que o Mbyá relacione-se sexualmente com o branco. Esse tipo de comportamento também faz com que o *nhe'ë* se afaste da pessoa levando-a a doença e a morte. Os Xondaro Marãgatu esclarecem,

Os brancos e as brancas nós sabemos que têm doença pra nós. Não é que os brancos tenham gonorréia, AIDS, nós sabemos que os brancos trazem doença. Nós sabemos muito bem. Se o espírito não tem força, ele se afasta na hora que você faz *jerokuá* (com branco). Então essa é a doença. Tu vai morrer na hora. E tem muitos homens e mulheres guarani que fizeram *jerokuá* com branco e porque o espírito tem força ele não se afastou, mas esta pessoa não dura muito, vai morrer a qualquer tempo, a qualquer hora (Agostinho, Inhacapetun, 15/11/02).

Enquanto os rituais realizados na *Opy*, mantêm a pessoa ligada a seu espírito, direcionando e concentrando os seus pensamentos em *Nhanderu*, com os atributos de agregação e ordenação do cosmos; as be-

bidas alcoólicas utilizadas em bailes ao som das músicas sertanejas, direcionam o pensamento para o sexo, sendo o motor da violência, efeito desagregador do cosmos. Enquanto no primeiro caso as pessoas colocam-se sobre a proteção da Divindade prevenindo-se dos perigos das doenças; no segundo, elas ultrapassam limites cosmológicos e ficam sem a proteção do *nhe'ë* e de Deus. Enquanto o canto e a dança realizados na *Opy*, ensinam o caminho pelo qual a pessoa deve manter-se com saúde; as bebidas alcoólicas direcionam e abrem o caminho para os *mbogüá* que causam doença e levam as pessoas à morte.

O percurso terapêutico dos Xondaro Marãgatu

Na primeira etapa¹¹ do Percurso dos Xondaro Marãgatu, a equipe foi composta por cinco Mbyá provenientes de diferentes comunidades. Quatro deles são Xondaro - Artur de Souza, Coxilha da Cruz; Agostinho Duarte, Granja Vargas; Alexandre Acosta, Canta Galo e Cezário Timóteo, Barra do Ouro¹² - e um deles - José Cirilo Morinico, Lomba do Pinheiro -, é integrante permanente do projeto atuando como monitor, seu papel é o de direcionar o discurso acessado pelos Xondaro e trabalhar como tradutor de suas palavras¹³.

Entre os meses de outubro e dezembro de 2002, contando com transporte e diárias viabilizadas pela FUNASA, os Xondaro Marãgatu percorreram as comunidades de TI do Canta Galo, Viamão; TI de Inhacapetun, São Miguel das Missões; TI de Salto Grande do Jacuí, Salto do Jacuí, TI da Coxilha da Cruz, Barra do Ribeiro¹⁴.

Ao chegar nas comunidades os Xondaro eram recebidos pela liderança do local. Nesse primeiro momento, eles combinavam com o cacique da aldeia como se daria os trabalhos naquela comunidade. No mesmo dia ou no outro, a liderança reunia o seu povo para escutarem as palavras que os Xondaro Marãgatu estavam trazendo, reforçando a importância das mesmas e pedindo para que todos se concentrassem (*djapichakâ*) para ouvi-las.

As boas palavras dos Xondaro Marãgatu¹⁵

Os Xondaro Marãgatu ao abordarem nas aldeias o tema do uso abusivo de bebidas alcoólicas preocupavam-se em não afrontarem as comunidades evitando que suas palavras tivessem o tom de “cobrança”

o que os impediria de serem escutados. Ao contrário, sempre deixaram claro para todos que mesmo estando com a responsabilidade de transmitir a mensagem dos karaí, eles não possuíam mais “sabedoria” do que os demais e que todos deveriam falar, contar a sua experiência, pois eles também estavam ali para ouvir e aprender com as comunidades.

Não é pra falar só nós três, todo mundo que está aqui deve falar, qualquer mulher pode falar. Porque tem mulher que têm irmão bebedor e sofre com o irmão, ela também deve falar. Nós viemos pra ouvir de vocês também o que estão sentindo, o que estão sofrendo, o que precisavam. Nós não estamos trazendo só a nossa palavra, nós queremos aprender com vocês. Qualquer um, qualquer jovem tem que falar e nós vamos ouvir. Pra que todos dêem ajuda um ao outro. Isso é que vai nos dar força. Se a gente cuida da criança desde pequeninha ela vai crescer pensando. E nós temos que acompanhar também o pensamento dela (Agostinho, Inhacapetun).

O discurso dos Xondaro sempre iniciava buscando esclarecer as origens, o caráter e os objetivos deste trabalho. Segundo eles, os Xondaro Marāgatu

foram escolhidos pra falarem pra todos, só por isso que nós juntamos todos, só por isso que nós juntamos os jovens, porque é importante ouvir. Então esse trabalho foi pensado não através de nós, mas através de nossos karaí. Foi a preocupação do karaí e da cunha-karaí com a canha. Nós levamos mensagem pra toda comunidade pra saberem e conhecerem mais sobre o que é bom e o que é ruim pra nós. O que traz problema é a canha¹⁶ (Cirilo, em Salto do Jacuí).

Outra função dos Xondaro é traduzir as palavras dos karaí para uma linguagem mais comum (*ayvu teko achij*) para que todos as compreendessem, principalmente os jovens e as crianças. Seu compromisso é, por meio das “palavras boas”¹⁷, aconselharem as famílias a cuidarem de suas crianças para que as mesmas tenham um bom crescimento.

Nas reuniões Mbyá-Guarani, tanto nos encontros promovidos pelos Xondaro quanto nas Reuniões dos Karaí, o emprego das “boas palavras”, sempre acompanhadas pelo uso do *petyngué* (cachimbo), assumem a forma de conselho e emergem como um recurso terapêutico no tratamento dos bebedores. Isso porque ao serem palavras inspiradas pelo *nhe'ë* e por *Nhanderu* elas possuem o poder de emocionar as pessoas.

A boa palavra é reconhecida não necessariamente pelo conteúdo do discurso daqueles que a empregam, mas sim pela entonação da voz da pessoa que está falando. Nos círculos de conversa, aquele que está com a palavra deve dirigir-se ao centro da roda. Enquanto fala, caminha de um lado ao outro do círculo, no ritmo e na cadência da palavra proferida.

Para os Mbyá as palavras dos Xondaro Marãgatu vêm dos deuses e do espírito, são palavras movidas pelo amor (*mborayvu*), por isso é que são boas palavras e fazem com que as comunidades acreditem e tenham esperança nesse trabalho. Nesse sentido, os karaí e cunhã-karaí das comunidades visitadas, sempre procuravam reforçar as palavras dos Xondaro também utilizando a bela linguagem inspirada pelos deuses.

Eu espero que vocês também consigam mais palavras pra passarem pra nós, não é vocês que tem essa palavra, você vai conseguir através de nosso Deus que vai dar uma palavra pra passar pra outra pessoa. Como hoje você está falando, não é você que está falando, o deus que está dando uma palavra pra você pra falar para todos. Vai continuar iluminando pra falar cada vez mais. (...) Então quem é que vai dar as palavras pra nós? É o Sol. Cada vez que estamos levantando o Sol nos acompanha pra falar, pra sorrir. Eu fiquei muito contente de estar com vocês, só por isso que estou falando um pouquinho, não é porque estou sabendo falar, as palavras de vocês que me obrigou a falar, que tem espaço pra falar. E daqui até a próxima (sobrinha de Juanzito, da Argentina).

Segundo o karaí Juanzito, atualmente são poucos os homens que empregam as palavras da forma como fazem os Xondaro Marãgatu. Antigamente se ouvia mais essas palavras. Esses conselhos têm a sua origem “no centro do Paraguai (*yvy mbyté*) e hoje tem poucos que ainda sabem esse sistema”¹⁸. José Cirilo afirma que muitos dos problemas que acontecem no dia-a-dia são porque não existem mais as palavras boas, os conselhos.

Por outro lado, mesmo aqueles que empregam essas palavras compartilham da natureza da terra imperfeita em que vivem, eles são pessoas *teko achij* (vida doente), também imperfeitas e por isso mesmo alguns deles também gostam de beber.

Não é pela minha parte que estou falando, estou falando através de deus. Eu tenho dor no coração. (...) Como nós somos pessoas *teko achy*, nós fazemos aquilo que não presta pra nós. Nós tomamos aquilo que o branco toma. Então isso é *teko vaekué* (vida feia). Esse *teko vaekué* acontece em todas as comunidades. Pra falar direto: é canha. A canha é doença (*mba'e achÿ*). Esse é o nosso pensamento pra contar pra vocês, só pra isso que nós estamos aqui (Alexandre, em Inhacapetun).

Mas sobre o que falam os Xondaro Marãgatu?

Resgatando a lembrança do porque *Nhanderu* os enviou para esta terra¹⁹ e do exemplo que Ele deixou para que os Mbyá tenham força (*mbaraeté*) e coragem (*pyaguaçu*)²⁰, pensando na pessoa que tem duas

almas, os Xondaro vão conversar sobre as conseqüências desencadeadas pelo consumo de álcool sobre a vida e a forma de viver (*nhandé rekô*) Mbyá-Guarani, se perguntando: como fazer para melhorarmos a nossa vida e termos felicidade?

Os Xondaro vão falar sobre

a importância da cultura, a importância das crianças, para o pai e a mãe pensar em ficar na aldeia, não ficar caminhando pra lá e pra cá. Isso é que Xondaro Marãgatu vai conversar com as famílias. Pra isso é Xondaro Marãgatu. Nós temos que procurar mostrar coisas boas pras crianças, coisa boa é plantação. O pai e a mãe têm que pensar como é que seu filho vai ter saúde. Essa mensagem que os Xondaro Marãgatu vão levar pras comunidades (Agostinho).

Nesse sentido, os Xondaro vão demonstrar a sua preocupação com o futuro dos Mbyá, refletindo sobre as mudanças que o consumo de álcool traz para a sua cultura. Consideram que a *canha* os enfraquece e constitui um caminho que pode destruir o futuro do grupo. Por outro lado, buscam lembrar as comunidades do caminho deixado pelos deuses para os Mbyá, principalmente da necessidade de todas as comunidades terem *Opy* e plantação (*maety*), mantendo-se ligada a *Nhanderu* e ao *nhe'ë* para que tenham saúde e felicidade e para que recebam as mensagens divinas nesta terra velha em que habitam, nesta época em que vivemos: os fins dos tempos.

A bebida alcoólica traz muita coisa. (...) Nosso Deus não nos mandou na terra pra bebermos, não disse para aprendermos a beber com outro povo. (...) Os que estão morando aqui, procurem não tomar mais bebida alcoólica! Tem muita coisa que acontece em todas as aldeias e aconteceu o que nunca se viu. Procurem diminuir a bebida alcoólica. Que falta pra criança? Que falta pra adulto? Que falta pra mãe, pro pai? Que falta aqui na terra? Pra mim é plantar milho pra que as crianças vejam e tenham saúde. Isso é que é importante, isso é que é futuro pra nós. Nós temos que pensar, plantar. Isso é bom pra espírito também. Depois disso tem *Opy*. É através da *Opy* que a criança vai ficar com saúde, é aí que o espírito vai chegar e vai ter força através da *Opy*. Porque alguma vez as crianças levantam sem força? Ficam magrinhas, tristes, não querem brincar, porque? Por falta da *Opy*. As crianças queriam ouvir o som do violão. Eu não estou dizendo que você continua mau, que você não sabem. Eu quero que vocês me desculpem. As crianças não podem estar sem nome, tem que ter batismo, ser batizado a criança, por isso é importante a *Opy*. Quando recebe o nome o espírito fica contente, ele tem força, por isso que tem nome, Kuaray, Karaí, Verá... (...) Nós temos que valorizar nossa aldeia, não pode acontecer baile dos brancos. E quando tem aldeia nós temos que ter *Opy*, a dança tradicional pra aprender a nossa cultura, sistema e

tradição. Nós queremos que todas as comunidades sejam assim. Nós temos que diminuir a bebida alcoólica. Isso que é importante pra nós. Só pra isso que eu to falando agora (Alexandre, Xondaro Marãgatu no Espraiado).

Uma das principais preocupações dos Xondaro relacionadas ao consumo de álcool é a situação das crianças que são filhas de pai e/ou mãe bebedores. De acordo com os Mbyá, quando isso acontece os pais não sabem mais cuidar da sua família e acabam ensinando os seus filhos a beberem.

No entendimento Mbyá os espíritos das crianças são enviados a terra pelo seu Pai Verdadeiro, que os aconselha a darem força e acompanharem o seu pai e/ou mãe terrenos, trazendo alegria para a família. A família é a responsável pela educação primeira das crianças. Quando as crianças começam a engatinhar elas precisam ser batizadas e ganharem seu nome e assim terem força, saúde e mostrar a sua alegria para a família. O karaí é que vai dizer do que aquela criança precisa para ser saudável. Esse conhecimento vem através da reza que lhe propicia contatar os deuses. Por exemplo: algumas crianças precisam ficar perto da *Opy* para “mostrarem o seu corpo bem”, senão a criança pode ter o seu “corpo como terra” (*yvyramo*)²¹.

Entretanto, devido ao consumo de bebidas alcoólicas, hoje em dia não se sabe mais porque os deuses mandaram as crianças. Com isso, os pais não sabem mais tratar as crianças e muitas vezes as maltratam fazendo com que o seu espírito se afaste e a criança “deixe seu corpo como terra”. Os pais não sabem mais aconselhar os seus filhos, não sabem mais educá-los. Diante disso, os Xondaro aconselham os pais de família a respeitarem as crianças, pois foram os deuses que mandaram os seus espíritos para a terra.

Agora é difícil pro pai e pra mãe falarem pra seus filhos, eles já não sabem mais como educa-los. Porque que Nosso Pai ele nos mandou aqui na terra? Quando Nosso Pai manda as crianças pra nós é pra que a mãe ou o pai tenham força (mbaraeté) e coragem (pyaguaçu). Hoje em dia a gente não sabe mais porque as crianças nasceram pra nós, a gente não sabe mais como tratar as crianças. Hoje em dia tem que respeitar os filhos, o marido, a esposa. O que é importante pras crianças? As crianças querem ver a plantação, algumas crianças querem ver a casa tradicional (opy). Então algumas crianças choram porque necessitam de alguma coisa, necessitam de opy, de plantação. Então o pai e a mãe não sabem porque eles estão chorando e ai batem em seus filhos. Hoje em dia é assim, o pai e a mãe batem no filho, na filha, sem saber porque ele está chorando. Então essa coisa é muita dor pros

velhinhos e pras velhinhas. Isso não pode acontecer na frente deles. Eu sempre digo assim: nós temos que voltar um pouquinho a viver como nosso antepassados (Cirilo, XM Salto do Jacuí).

Por outro lado, os Xondaro lembram que quando existe um “bebedor” na família, os seus parentes que não bebem sofrem e ficam doentes, com dor no coração (*pyarachy*).

Saudações meus parentes. Eu também não sei falar muita coisa. Eu também vou falar um pouco sobre a bebida alcoólica. Eu também era feio (*vaekué*), cau. Nossos parentes estão diminuindo, já perdemos muito. Muitos dos nossos parentes já ficaram com o corpo como terra (*yvyramo*) só por causa da bebida alcoólica. Eu conheço também porque eu era bebedor. Então por isso que é importante de cada aldeia ter Opy. Os mais velhos e mais velhas sofreram muito por causa disso, quando o filho ou a filha é bebedor. Então quando o filho ou a filha falam assim: quando estou bebendo o problema é meu, sou eu. Mas se ele morre, isso é mau pra todos, isso é dor. Quando o meu parente morre, vem o sofrimento pra todos. (...) Os karaí estão orientando pra não chegarmos no ponto de cairmos num buraco, ou seja, pra não chegarmos a morte. Então, por isso que os mais velhos se preocupam, por causa da morte (Cezário, Salto do Jacuí).

Para os Mbyá “a bebida alcoólica não tem irmão, não tem pai, não tem mãe. A bebida alcoólica é sozinha!”. É por isso que ela traz sofrimento para todos parentes.

Ainda em sua preocupação com a família, os Xondaro vão conversar sobre a separação entre os casais Mbyá, fenômeno cada vez mais recorrente e que tem no uso abusivo de bebidas alcoólicas, uma das suas principais causas. A separação também é um problema, pois cria doença, sofrimento e dor no coração (*pyarachy*). Para os karaí, isso acontece entre os Mbyá porque “hoje não há mais obediência a deus, as pessoas esqueceram de deus, não levantam mais com o Sol, agora levantam com o anã, já entregaram tudo para os espíritos dos mortos” (Juanzito).

O karaí Juanzito então aconselha aos casais afirmando que é necessário que cada cônjuge saiba tratar o companheiro buscando evitar a violência doméstica desencadeada pelo consumo de álcool.

Quando falamos de casamento, tem que mostrar bem pro parente, um casal certo, de verdade. Isso que é importante pra nós. Quando separa casando com outro e assim continua, isso não é bom pra nós. O jovem quando casa, tem que tratar bem a sua esposa. Não pode dar sofrimento pra mulher. A mulher e o homem a mesma coisa: não pode dar sofrimento nem pra mulher nem para o homem. (...) Todos os que casam tem que procurar viver bem. Não quero que continuem assim. Essa separação existe em todas as partes, não é só aqui. (...) Nisso tem

ainda quando o pai da sua filha bebe e fala bobagem. Ai a mulher fica sofrendo, porque ela não bebe. Então isso acontece em alguns casais, isso é que causa dor. Então qualquer coisa chega o momento de entregar o corpo pra outros²². Nós não podemos continuar assim. Se casal bebe junto não tem controle.

Uma das palavras dos Xondaro às comunidades foi sobre a necessidade das mesmas valorizarem e ouvirem os mais velhos, os *karaí* e as *cunhã-karaí*, porque eles sofreram e sofrem, devido ao consumo de álcool feito pelos seus parentes, pois os jovens já não seguem os seus conselhos. Com isso os Xondaro aconselham as comunidades a darem força para os *karaí* e *cunhã-karaí*, pois

hoje em dia, a maior parte das pessoas não sabe mais o que significa a manifestação dos deuses - a caminhada de Nhamandu (Sol); a mão brilhante de Tupã (raio) -, não conhecem mais as palavras divinas. Os conhecedores destas palavras são os *Karaí* e estes são poucos, porque (...) os mais velhos e mais velhas não agüentaram a maldade que cada vez aumenta neste mundo, na terra velha, por isso eles 'viraram como terra' e não alcançaram a terra sem mal (Cirilo).

Um dos resultados desses encontros foi a criação de um espaço para que os *karaí* e *cunhã-karaí* aconselhassem e transmitissem a sua sabedoria (*arandu*) aos parentes. O conselho dado aos bebedores foi para que eles rezem e contem pra *Nhanderu* ou para o que "usa o cachimbo" o seu problema, a sua dor, a sua doença. Que "mostrem o corpo" para os *karaí* para que eles "contem o corpo" do paciente para *Nhanderu*.

Também esse foi o momento dos Mbyá ouvirem as palavras divinas chamadas *ayvu nhetiró* ou *ayvu rapitá*, definidas por José Cirilo como as "palavras escada", porque eleva o pensamento das pessoas para o alto. Poucos são os que sabem falar *ayvu nhetiró* atualmente.

Muito obrigado aos chefes dos Xondaro! E nosso irmão que colocou umas palavras bonitas. Eu fiquei muito bem com vocês. Já que nós estamos aqui pra conversar sobre isso, que Nosso Nhamandu quando vem nascendo traz umas palavras pra nós e pra todos. Nhamandu ele trouxe suas mãos brilhantes, o peito brilhante pra que nós, os filhos, levantassem bem, todos os seres humanos para levantarem bem, os bichinhos também, todos que estão aqui no mundo com a mão e com o peito brilhante foram levantados e nós também (*Karaí Henrique, Argentina*).

Nesse sentido, além de estimularem as comunidades a refletirem sobre o impacto do consumo abusivo de bebidas alcoólicas sobre a pessoa e o modo de ser Mbyá-Guarani e sobre a necessidade destas "acordarem" e organizarem-se para enfrentar os problemas desencadeados por este consumo, os encontros promovidos pelos Xondaro Marãgatu

foram momentos de atualização da linguagem sagrada, de valorização do modo de ser tradicional e de fortalecimento da *Opy* e dos *karaí* e *cunhã-karaí* Mbyá-Guarani.

Desdobramentos do percurso

Depois da realização da primeira etapa do Percurso Terapêutico dos Xondaro Marãgatu, foi realizada em julho de 2003, na TI da Coxilha da Cruz, Barra do Ribeiro, a III Reunião dos Karaí. Nesta ocasião as lideranças Mbyá, entre outros assuntos e encaminhamentos, fizeram a avaliação dos resultados do trabalho dos Xondaro feito no ano anterior, chegando à conclusão que houve uma significativa redução do consumo de álcool e dos danos causados em algumas comunidades em função desse consumo (Inhacapetun, Canta Galo, Salto do Jacuí).

Neste momento propuseram passar o grupo dos Xondaro novamente para seis pessoas e solicitaram, a partir daquele momento, que o grupo realizasse suas visitas a todas as comunidades Mbyá-Guarani do RS, visando a fortalecer os *karaí* e *cunhã-karaí*, assim como prevenir o uso abusivo de bebidas alcoólicas.

Durante a reunião os Mbyá, com o objetivo de organizarem os caciques do Estado, elegeram um Cacique Geral para atuar como mediador dos “problemas internos” nas comunidades, tanto os causados pelo consumo de álcool quanto conflitos de outro caráter²³.

Entre os meses de outubro e dezembro de 2003 foi realizada a segunda etapa do Percurso dos Xondaro Marãgatu às comunidades Mbyá do RS. No momento, as gravações da III Reunião dos Karaí e da segunda etapa do Percurso dos Xondaro, estão sendo traduzidas, o que nos permitirá termos uma visão mais profunda dos mecanismos que as comunidades empregam para avaliarem os resultados das ações desenvolvidas até agora.

Notas:

¹ Neste trabalho não adoto a categoria alcoolismo, pois isto implicaria em desenvolver a perspectiva biomédica sobre tal doença, quando meu enfoque é a perspectiva Mbyá-Guarani sobre o tema.

² Termo utilizado pelos Mbyá para referirem-se as lideranças religiosas e aos especialistas de cura. “El ipaje es um hombre religioso. (...) O ipaje dentro de la comunidade es como um catalizador de mediaciones espirituales em el campo de la salud,

de la agricultura y Del gobierno (...) Son hombres carismáticos, cuyo saber e capacidad non les viene por enseñanza ni aprendizaje, sino por inspiración, por naturaleza” (Melià, 1988:60).

³ Helené Clastres define as belas palavras como “(...) as palavras sagradas e verdadeiras (...); são a linguagem comum a homens e deuses; palavras que o profeta (karaí) diz aos deuses ou, o que dá no mesmo, que os deuses dirigem a quem sabe ouvi-los” (1978:86-87), perspectiva que concorda com o entendimento Mbyá como veremos no decorrer deste trabalho.

⁴ Este Diagnóstico teve como objetivo montar um panorama tipológico da situação alcoólica das comunidades Mbyá no RS. Ver FERREIRA, L.O. Relatório Final do Diagnóstico Antropológico Participativo sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo entre os Povos Indígenas no RS: subprojeto Mbyá-Guarani. POA, 2002.

⁵ Ver FERREIRA, L.O. Relatório da I Reunião Geral dos Karaí, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo – RS. POA, 2001.

⁶ Das 17 Aldeias Mbyá-Guarani que foram visitadas durante o Diagnóstico 27,7% são comunidades problema; 11,2% são comunidades que negam o problema; 16,6% são comunidades em situação de risco; e 44,5% são comunidades sem problema.

⁷ A noção de pessoa Mbyá-Guarani constitui-se numa categoria central para o entendimento do universo simbólico deste grupo étnico, pois ela articula e está articulada à uma série de relações cosmológicas e sociais. Os Mbyá-Guarani crêem que a pessoa é composta por duas almas: uma de natureza divina (nhe’ë), proveniente diretamente dos deuses cosmogônicos; a outra, de natureza telúrica - princípio terrestre da pessoa adquirido junto ao corpo quando a alma de origem divina encarna na terra, desenvolvendo-se no decorrer da vida da pessoa. Sobre a concepção dualista da alma como “chave do sistema religioso” Guarani, ver Schaden, 1962:127-128; Nimuendajú, 1987:117; H. Clastres, 1978; Cadogan, 1952; entre outros.

⁸ “(...) Espécie de espírito protetor, incumbe a segurança do indivíduo, vigiando-o. (...) É parte integrante do seu eu. (...) A sede da alma – ou das almas, como veremos mais adiante – (...) é o corpo todo. Ademais, as *nhe’ë* caracterizam-se por existência relativamente livre, isto é, existem independentemente do corpo, podendo deixá-lo, (...) e retirar-se para regiões longínquas” (Schaden, 1962:137-138).

⁹ Ao morrer a pessoa libera o *nhe’ë* que retorna ao Paraíso de onde veio e também a alma de origem telúrica que se torna um espírito do morto chamado *mbogüa*, que fica a vagar na terra em torno aos seus parentes vivos causando doenças. O *mbogüa* é uma sombra, um fantasma, um espectro que se desenvolve no decorrer da vida da pessoa como resultado do seu modo imperfeito de viver.

¹⁰ Tipo de demônio que leva a pessoa a agir contra o modo de ser prescrito culturalmente. H. Clastres assim os define:

“Espíritos perversos que povoam a floresta, cuja única razão de existir é perseguir os índios e votar ao fracasso os seus empreendimentos. É a eles que se atribui a responsabilidade, tanto do resultado infeliz de uma expedição guerreira, ou da insuficiência de uma colheita, como ainda das desventuras individuais” (1978:26).

¹¹ A segunda etapa do percurso ocorreu durante os meses de outubro e dezembro de 2003.

¹² Os outros Mbyá escolhidos na II Reunião não participaram do percurso. Um deles porque neste período estava de mudança; o outro, porque é bebedor.

¹³ Na III Reunião dos Karáí José Cirilo foi eleito Cacique Geral dos Mbyá-Guarani no RS, com a responsabilidade de lutar pelos karáí e cunha-karáí e pela manutenção da cultura e da tradição do grupo.

¹⁴ Foram feitas 10 saídas de campo com duração de cinco dias cada. Em cada saída cinco pessoas participavam: o motorista da FUNASA, a antropóloga, o monitor mbyá (estes sendo integrantes permanentes da equipe) e 2 Xondaro Marãgatu que se revezavam de acordo com o local a ser visitado. Todos os encontros foram registrados através do uso do gravador, perfazendo um total de 1800min gravados (30 fitas cassete - 60min) e também de registros fotográficos.

¹⁵ As boas palavras aqui apresentadas foram proferidas na língua guarani. José Cirilo Pires Morinico foi o tradutor das mesmas para o português.

¹⁶ Os Xondaro Marãgatu também pode ser chamados de joyvyrá, aqueles que ficam perto do karáí e que o seguram para que não caia, ficam ao seu lado lhe cuidando e enfrentam tudo por ele.

¹⁷ Diferentes tipos de palavras são usadas nos encontros promovidos pelos Xondaro Marãgatu: ayvu porã = boas palavras; ayvu teko achý = palavras comuns, deste mundo; ayvu achojavapy = palavras dos espíritos; e ayvu nhetiró (rapitá) = as divinas palavras, “palavras escada”, são poucos hoje em dia sabem falar.

¹⁸ O karáí Anúncio Benitez esclarece na III Reunião dos Karáí, realizada em julho de 2003 na TI da Coxilha da Cruz, Barra do Ribeiro, que “então quando a gente fala de Xondaro é Xondaro Verdadeiro (anhetenguá). Xondaro Mara'eý¹⁸ nasceu desde que existe a terra, só que agora é que está se revelando. (...) A gente não sabia que existia os Xondaro Marãgatu, mas hoje nós karáí e cunhã-karáí acreditamos que os Xondaro Marãgatu vem dos deuses. Então Xondaro Marãgatu dá força pra nós, pra isso é Xondaro Marãgatu. Xondaro Marãgatu é muito grande. Desde que aconteceu a reunião dos Karáí falamos do nome das crianças e isso não podemos perder” (Karáí Anúncio).

¹⁹ “Nosso pai ele mandou aqui na terra pra viver, pra rezar, deixaram opy pra nós guarani ter alegria. Se não tem opy, karáí não vai saber como tem que tratar aquele doente. Ai que os karáí vai dizer porque motivo você fica muito fraco, porque que o espírito não está ficando contente pelo seu corpo. Karáí que vai saber do corpo, por isso que é importante opy” (Mariano, Coxilha da Cruz).

²⁰ Duas são as virtudes Mbyá-Guarani que emergem das boas palavras acessadas pelos Karáí, Cunha-karáí e Xondaro Marãgatu: mbaraeté traduzido pelos Mbyá como força, fortaleza, saúde, a condição para não envelhecer e manter a vida no corpo até ficar velhinho, para alcançar a moradia dos deuses com o corpo e tudo e lá nascer de novo, voltar a ser criança; e pyaguaçu traduzido como o sentimento de coragem necessário para enfrentar a maldade (sofrimento, morte, doença).

²¹ Os Xondaro Marãgatu raramente referem-se diretamente a morte (omainoí) de um parente. Geralmente a palavra sagrada usada é vyvramo que quer dizer que o pa-

rente “deixou o seu corpo como terra”.

²² Para o anã e para o mbogüá.

²³ As discussões realizadas durante esta reunião foram gravadas, perfazendo um total de 1080 min de gravação, 18 fitas cassete, que ainda não foram traduzidas.

Referências Bibliográficas

CADOGAN, León. El concepto Guarani de ‘Alma’; su interpretación semántica. *Folia Linguistica Americana*, Keiron, n. 1, vol. I, 1952.

_____. La encarnación e la concepción: la muerte y la resurrección en la poesía sagrada “esotérica” de los Jeguaká-va Tenondé Porã-güé (Mbyá-Guarani) del Guairá, Paraguay. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. s., vol. IV, 1950.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

CLASTRES, Helenè. *A terra sem mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

FERREIRA, Luciane Ouriques. *Mba’e Achij*: a concepção cosmológica da doença entre os Mbyá-Guarani num contexto de relações interétnicas. 2001. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Relatório etnográfico da I Reunião Geral dos Karáí, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e alcoolismo. Porto Alegre-RS, 2001.

_____. Relatório final do Diagnóstico Participativo Antropológico sobre a Manifestação do Acoolismo entre os Povos Indígenas no RS: Subprojeto Mbyá-Guarani. Porto Alegre: CIPSI, 2002.

GARLET, Ivory; ASSIS, Valéria S. de. *Diagnóstico da população Mbyá-Guarani no sul do Brasil*. São Leopoldo-RS: COMIN, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LANGDON, Jean. O que beber, como beber, e quando beber: o contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações. In: Saúde, saberes e ética – três conferências sobre antropologia da saúde. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, PPGAS-UFSC, 1999.

LANGDON, Jean (org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: UFSC, 1996.

MELIÀ, Bartomeu. *Los Guarani-Chiriguano: Ñande Rekó, nuestro modo de ser*. La Paz, Cípcá, 1988.

NIMUENDAJÚ, Curt. *As lendas de criação e destruição do mundo: como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1987.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

